

corrompem os bons costumes, como diz o Apostolo, todas as palavras de perdição e de morte, que saem de um coração pervertido, como diz S. Thiago; taes como impiedades e blasphemias contra a Religião e seus ministros; mofas e gracejos contra as pessoas religiosas; juramentos o imprecações: tudo em fim que pôde escandalizar o proximo.

Não imitemos a grosseria imperdoavel de certas pessoas que têm a mania de levantar por toda parte e a todo proposito, polemicas contra a Religião, e que fazem garbo de atacar o que ha mais sagrado na crença dos outros. Esta incivildade merece ser condemnada com tanto mais energia, quanto ella se tem tornado commum na nossa sociedade.

Toda a pessoa bem educada evita na sua conversação o que pôde incommodar e magoar aos mais, e segue sempre a regra da sabedoria, que manda só proferir palavras que possam encaminhar os nossos semelhantes pelas veredas da Religião e da virtude.

— *E que pensar dos que proferem palavras torpes?*

— Estes taes mostram-se tambem muito alheios aos dictames da sabedoria. Devemos ter horror de toda a palavra obscena, mesmo das que são só equivocadas, isto é, d'aquellas que têm duplo sentido, um bom, outro torpe. Estas palavras, por mais encoberto que seja o seu máo sentido, são sempre infamias que mancham os labios de um homem honesto, e devem ser banidas das conversações decentes.

Ha certas cousas de que não é licito falar entre christãos: *Nem se nomeie isso entre vós*, diz o Apostolo.

— *E quando succeda que alguém diante de nós se desmande a ponto de proferir palavras immoraes, equivocadas?*

— Devemos immediatamente mostrar a nossa desapprovação, rompendo a conversa, e não sorrir e parecer approvar, como fazem alguns por miseravel condescendencia.

— *Como será modesta nossa conversação?*

— Nossa conversação será modesta se emitirmos a nossa opinião só quando o devemos fazer, ou a isso somos convidados, e assim mesmo sem affectar tom decisivo e peremptorio, como fazem os presumptuosos. Não ha nada mais ridiculo que um moço mettido a sentencioso, fazendo de sabio, decidindo com empafia questões arduas e melindrosas.

Ainda que elle tenha talento e instrucção, deslustra-se com isso, e perde o credito perante a gente sensata.

A modestia unida ao talento é ouro sobre azul. Ella é a verdadeira distincção dos espiritos elevados.

— *Não é reparado que um moço fale muito diante de pessoas idosas e sensatas e de gente instruida?*

— Isto é certamente uma falta de modestia e uma grossa incivildade. É perder por carta de mais, como diziam os antigos. Nestas circumstancias deve um moço mais ouvir, do que falar. Sua loquacidade e tagarelice dariam triste idéa de seu siso e de sua educação. Seria

outrosim ridiculo tomar na conversa um tom de declamação, como se estivesse fazendo um discurso; usar de phrases empoladas, de circumloquios pretenciosos, de termos exquisitos, para passar por *illustrado*, em vez de empregar linguagem chã e natural.

— *Que seria ainda contrario á modestia?*

— Seria ainda uma offensa á modestia falar de si vantajosamente, como para se inculcar na estima dos outros. *Que outrem vos louve e não vossa propria boca, diz Salomão; seja um estranho, e não vossos próprios labios.*

O homem que se elogia a si proprio, mostra só por isso que nenhum merito tem. Ha nada mais insupportavel e ridiculo do que conversar com um sujeito que está sempre a encarecer o seu nascimento, a sua fortuna, os seus estudos, os seus feitos, comparando-se aos outros, etc.?

Estas comparações sempre são odiosas. A verdadeira regra é a de S. Francisco de Sales: *Não falar nunca de si, nem em bem, nem em mal.* Não falando em bem, evitamos a filancia e os gabos, que assentam mal em animos bem nascidos; não falando em mal, evitamos a falsa modestia, que costuma calculadamente deprimir-se, para pilhar algum elogio.

— *E que devemos fazer quando nos louvam?*

— Devemos receber os louvores modestamente. Seria, porém, modestia tola, diz um auctor, pôr-nos de máo humor contra as pessoas de quem recebemos applausos,

mórmente se são estes merecidos por alguma acção de que não possamos desconhecer a bondade natural.

Do mesmo modo, se ouvimos elogiar nossos paes, não devemos ajuntar novos elogios, mas mostrar-nos reconhecidos, e applaudir com modestia.

— *Como deve ser sincera a conversação?*

— Será sincera, se fôrmos fieis e evitarmos toda a mentira, enganos e equivocos. O nosso falar deve ser sim, sim, não, não, diz o Salvador no Evangelho; o que quer dizer, que uma nobre franqueza deve presidir ao nosso trato com o proximo.

— *Porque se deve evitar a mentira?*

— Porque a mentira é um vicio odioso e degradante. Quem mente offende a Deus, que é a summa verdade; torna-se semelhante ao demonio, que é o pae da mentira; aliena a confiança de seus semelhantes, pois ninguém acredita no mentiroso, ainda quando elle diz verdade; e em fim é o mentir uma prova certa de animo baixo e de coração pervertido. «O que accrescenta novo gráo de malicia e de deshonra ao habito de mentir, é, diz um moralista, que o mentiroso cae muitas vezes em indiscrições a si e ao proximo funestissimas. Com effeito, se para pôr em salvo sua reputação comprometida por uma mentira, é mistér unir a perfidia á indiscrição, elle não hesitará; mente, mas não quer incorrer na pecha de mentiroso; o segredo revelado de um amigo salva-o da confusão, pois revele-se o segredo que jurára guardar. Eis aonde leva o habito de mentir. O que succede? Perde-se a confiança

dos homens, arruina-se a boa fama propria, vão-se os amigos; só ficam os imprudentes ou perfidos.»

Deus nos livre d'este horrendo peccado da mentira!

— *Como são vistos na sociedade os novelleiros e amigos de bisbilhotices?*

— Os que têm por profissão andar assoalhando novidades, são de ordinario fincos mentirosos. *Quem conta um conto, acrescenta um ponto*, diz o proverbio. Para não cairmos neste defeito, devemos ter cuidado de só afirmar o caso, se fôr certo, e dal-o como duvidoso, se fôr duvidoso, sem arrebicarmos a narrativa com circumstancias de pura imaginação, como succede ás vezes mesmo a gente que tem horror á mentira.

— *Que cuidado devemos ter nas nossas promessas?*

— Devemos ter muito cuidado em só prometter aquillo que podemos e temos em vista cumprir, e nunca absolutamente faltar á palavra dada. Assim nos obrigam a prudencia e a honra.

Emfim a sinceridade, a lhaneza e a veracidade, e uma amavel franqueza, devem ser a alma de todo o nosso trato social.

— *Porque dizeis que a conversação deve ser benigna?*

— Porque devemos evitar nella toda maledicencia, todo gracejo offensivo, toda critica acerba, toda insinuação injuriosa, toda palavra aspera ou grosseira, em summa, tudo quanto pôde ser de agravo ao proximo, humilhando-o ou contrariando-o.

— *A maledicencia é tambem contra a civilidade?*

É tão contra a civilidade como contra a caridade. Com ser este defeito muito commum e applaudido, nem por isso merece ser menos condemnado. Falar mal do proximo é faltar ás regras da boa convivencia; é mostrar genio tacanho, coração mão e cheio de fel, o que nos torna odiosos á sociedade. Cada um sabe, ao vêr o maldizente retalhar na pelle dos outros, que a propria não será poupada, e por isso todos o olham com desconfiança e o detestam.

— *Que devemos fazer ao ouvir alguma palavra de maledicencia?*

— Devemos, quanto possivel, escusar a pessoa contra quem se fala, e desviar com algumas boas palavras o curso da conversa.

— *Será permittido arremedar por escarneo aos outros, ou usar de expressões injuriosas e humilhantes?*

— Tudo isto é condemnado pelo Christianismo, tanto quanto pela urbanidade. Disse o divino Salvador, que quem maltratar a seu irmão com uma expressão de desprezo, já é réo de condemnação. Seria impertinente e deshumano alludir ao defeito physico de uma pessoa presente, como, por exemplo, um coxo, um corcovado, um torto, etc., ou lembrar desgostos soffridos e faltas commettidas, ou usar de ironias picantes, e de mofas e charrices offensivas.

— *Dêverão então ser banidos da conversa todos os gracejos ?*

— Não, ditos agudos e chistosos, um certo sal picante e agradável, remoques finos e delicados, tudo isso serve de esmalte á boa conversação e a torna scintillante e aprazível.

— *Quaes são as regras especiaes que dêverei observar na conversação para que ella seja polida ?*

1º. Se não souberes, ao entrar, o assumpto sobre que se está falando, não procures logo informar-te d'isso ; vê se podes cair no fio do discurso ; se não, pede baixo ao teu vizinho uma palavra de explicação, evitando vexar e perturbar a companhia.

2º. É da polidez indicar em poucas palavras o assumpto da conversação ás pessoas que chegam.

3º. Não interrompas de modo algum a quem está falando, que é isto descortezia muito reparada.

4º. Nunca deixes de responder attento a quem te interroga, e usa sempre nas respostas de formulas polidas. Assim, não dirás *sim, não*, mas sempre : *sim, senhor ; não, senhora*.

5º. Se tens de contradizer, não debes proromper nestas expressões grosseiras : *É falso, é mentira, não é verdade, não sabe o que diz*, e outras semelhantes ; mas dizer com toda polidez : *Queira perdoar-me, não é exacto. Perdão, senhor, está enganado. Queira desculpar-me, minha senhora, mas não é exacto*.

6º. Nunca debes receber um obsequio ou cumprimento, sem dizeres : *Obrigado, ou muito agradecido*.

7º. Evitar disputas, contencões e teimas. Desde que tiveres modestamente justificado com boas razões tua opinião, se ella não é aceita, é prudencia calar, e mudar de assumpto.

8º. Se alguém se engana, não debes emendal-o, de modo a humilhal-o e causar-lhe confusão ; quando o erro é manifesto e não se pôde dissimular, deve-se esperar que a pessoa mesma o rectifique ; se se obstina em defendel-o, pôde-se então, com toda urbanidade, fazer-lhe ver o seu engano, mas sem auctoridade.

9º. No narrar uma historia deve-se evitar repisar o já dito, emmaranhar-se em episodios, commentarios e digressões ; porque tudo isto é enfadonho e ridiculo.

— *Em que sentido dizeis que a conversação deve ser natural e correcta ?*

— Digo que a conversação deve ser natural e correcta, para indicar que se deve evitar tudo o que, no tom da voz e na construcção das phrases, é affectado ou eroneo. A fala sempre deve ser proporcionada ao assumpto e ás pessoas ; nem baixa, que custe a ouvir-se ; nem alta que estronde ao ouvido ; nem morosa, nem precipitada, nem dura e aspera, nem languorosa e effeminada.

«Da voz entendo bastar que seja simples e clara, diz S. Ambrozio, pois o ser sonora é obra da natureza e não da industria. Seja distincta no modo de pronunciar, e cheia de substancia vigorosa, de sorte que eritemos

um tom agreste e rustico e não affectemos uma pronun-
ciação de theatro...» (1)

— *Estas regras são geralmente observadas?*

— Prouvera a Deus que o fossem! Mas, infelizmente, assim não é. Ha muitos que falam murmurando entre dentes, mostrando timidez pueril; outros que gritam falando, mostrando descomedida petulancia; outros que arrastam as palavras, como gente de character baixo e aparvalhado; outros que effeminam, e adoçam affectadamente a pronuncia, como se quizessem passar por factos e adamados; estes declamam falando, como fazem charlatães e pedantes; aquelles precipitam e engolem as palavras, como se tivessem genio leviano e arrebatado; emfim muitos e muitos pronunciam errado, sem o accento conveniente, martyrizando a prosodia, ao mesmo tempo que a syntaxe da lingua, como fazem os rusticos e ignorantes.

— *Podeis indicar-me alguns erros grammaticaes em que se cae mais communmente na conversação?*

— De boa vontade:

1º Não é raro achar entre nós pessôas que pronunciam mal as vogaes, dizendo, por exemplo: *Mi deu, ti feriu, lhi disse, si matou, di repente, qui eu vi*; em vez de: *Me deu, etc.* Pronunciam ainda: *Acreditar, appetite, gemido, concidido, colligial, atrivido, ciar, pitição, filiz, bini-gno, alfandiga, nomiar, pivide, siminario, sintinella, sipul-*

(1) Das obrigações christãs e civis, cap. XXIII.

tura, sirviço, dismintir, disimbargador, saboriar, pichinhos, em vez de *acreditar, appetite, gemido, etc.* Dizem *jugo,* em vez de *jogo, jugo.* Todo em vez de *tudo, e tudo* em lugar de *todo; espósos* em lugar de *espózos, etc.*

2º Outros augmentam as syllabas das palavras pela preguiça com que pronunciam as consoantes. Assim fazem de *advertir, adivirtir; de objecção, obijecção; de absurdo, abissurdo; de objecto, obijecto; de advogado adivogado; de abster, abister; de adquirir, adiquirir, e assim por diante.*

3º Outros accentuam mal as syllabas, fazendo breves as longas e longas as breves. Assim dizem *catas-trophe,* em vez de *catástrophe, periféria,* em vez de *periferia, etc.*

4º Outros erram na conjugação dos verbos, dizendo, por exemplo: *Eu foi, truxe, acareceio, alumeio, copeio; tu degires, tu sôas, tu sentencias; elle resêste, admite; nós fumos, nós semos, nós estêmos; em vez de dizer: Eu fui, trouxe, acarício, allumio, copio; tu digeres, tu suas, tu sentenceias; elle resiste, admite; nós fomos, somos, estamos. Se elle dispor, compor, descompor, em vez de se elle dispozer, compozer, descompozer.*

Estejaes attentos, em vez de *estae attentos; não manda tu, não faze tu,* em vez de: *não mandes tu, não faças tu.*

5º Outros, menos illustrados, erram na collocação dos pronomes reciprocos: *Nos mandaram dizer, se re-*

*A. Augusto
M. Barros*

uniu a assembléa, se fez assim, em vez de: *Mandáram-nos dizer, reuniu-se a assembléa, fez-se assim.*

6º Erram outros na construcção das phrases: *Se podéres vir, fico-te obrigado*; deve ser: *Se podéres vir, ficar-te-ei obrigado*, ou então: *Se podes vir, fico-te obrigado. Pedro e Antonio veio*, em vez de: *Pedro e Antonio viéram.*

7º Outros usam de horrendos gallicismos, como *golpe de vista*, em vez de lance d'olhos, ou panorama; *chefe d'obra*, em vez de obra prima, primor d'arte; *massacre*, em vez de morticínio, matança; *nuança*, em vez de gradação de côres; *susceptível*, em vez de espinhado, vi-drento; *palpitante de interesse*, em vez de interessantissimo; *compenetrado de uma idéa*, em vez de persuadido, bem inteirado; *cavallo de batalha*, em vez de argumento Achilles; *indemnidade para a jornada*, em vez de ajuda de custo; *abstracção feita*, em vez de prescindindo; *conveniencias sociaes*, em vez de decoro; *cair das nuvens*, em vez de ficar pasmado, attónito; *ser forte em historia*, em vez de saber bem a historia, ou ser habil, perito na historia, ou fazer d'ella o seu forte.

Ha ainda certas locuções ou maneiras de dizer afran-
cezadas, muito em uso, mas que não deixam de ser erros
crassos da lingua. Por exemplo: *a hora está dada*, em vez
de deu a hora; *é que*, em vez de é porque, ou por isso;
em quanto que, em vez de emquanto. *É com grande prazer
que pego da penna*, em vez de: com grande prazer é que,
ou simplesmente, com grande prazer pego da penna. *Pedir*

*de fazer, ordenar de sair, estou tentado de dizer, vejo-me obri-
gado de implorar, mereceu de ser nomeado, bem mereceu do
paiz*, são tambem construcções erradas. Deve ser: pedir
que faça, ordenar que saia, sinto tentação de dizer, vejo-
me obrigado a implorar, mereceu ser nomeado, é beneme-
rito do paiz. Todos estes gallicismos são verdadeiros con-
trabandos inadmissiveis em conversação decente.

— *As palavras chulas e baixas podem ser empregadas?*

— Ha certas palavras e expressões que, proprias do
baixo vulgo, nunca se devem ouvir entre gente de fina
educação. Assim, *mangação, maçada, caçoar, quijila, chin-
gar*, e outras semelhantes.

— *Como remediar a tantas faltas e erros que se com-
mettem no conversar?*

— O remedio está em acostumar os meninos desde
pequeninos a pronunciar e falar correctamente a lingua
nacional, em vez de se applicarem tanto, como succede,
às linguas estrangeiras.

Se as pessoas com quem elles conviverem falarem o
portuguez com a devida correcção, e observarem no con-
versar as regras do decoro, elegancia e naturalidade,
insensivelmente adquirirão os meninos estas boas quali-
dades, e se tornarão neste particular modelos de boa e
aprimorada educação.

— *Emfim, porque dizeis que a conversação deve ser
affavel e cheia de dignidade?*

— Digo isto para mostrar, que deve reinar nella
uma serena e expansiva alegria, um brando espirito de

benevolencia e caridade, um agrado que attraia a sympathia ; tudo isto realçado por uma distincção, elevação e nobreza, que a difference do praticar grosseiro e comum da gente que não teve educação, ou a teve imperfeita.

CAPITULO XI

Mais algumas regras de civilidade

— *Que regra se deve seguir quando se apresenta ou recebe algum objecto ?*

— Nada se deve dar ou aceitar passando a mão ou alongando o braço por diante de alguém ; mas exige o decoro que se receba ou apresente por traz ; e, se a pessoa está longe e não ha criados, pede-se ao mais vizinho que tenha a bondade de passar o objecto que se pede ou se dá. A pessoa que dá uma cousa ou recebe nunca deixa de fazer uma pequena inclinação de cabeça. Ao receber, diz sempre, *obrigado, bem agradecido, ou muito obrigado, muito agradecido*, como já notámos. Para pedir tem-se as seguintes formulas graciosas e polidas : *tenha a bondade, faça-ma o favor, o obsequio, a mercê de...* Estas outras ainda mais delicadas : *Teria V... a bondade, quereria, poderia V... fazer-me o favor, a mercê de...*

— *Tendes ainda outras regras ?*

— Além d'estas regras, dá um discreto auctor as seguintes :

1º O asseio não permite que se apanhe o lenço de quem quer que seja, quando cae ; o mesmo quanto a cartas e outros papeis. O que a civilidade manda nestes casos, é advertir a pessoa.

2º Nas cidades, só se saúdam aos conhecidos ; no campo, é bastante usado saudar a todos.

3º Nunca se deve perguntar a pessoa desconhecida d'onde vem, para onde vae ; que é isso curiosidade impertinente.

4º É incivildade voltar-se andando, ou parar para olhar fito uma pessoa, ou para examinar se ella saúda ; é condemnavel liberdade criticar o vestuario e o andar dos mais.

5º Emfim, nunca, ao andar pelas ruas, olhar para um lado e para outro como os levianos, nem examinar a cada passo o que se encontra, nem enfiar indiscretos olhares pelas janellas a ver o que passa no interior das casas. Esta ultima incivildade é muitissimo reprehensivel.

— *Como se ha de perguntar por pessoa ausente ?*

— Não convém dizer a uma senhora : *Como está seu marido, ou o seu esposo ?* ou a um homem casado : *Como esta a sua mulher, ou sua esposa ?* Mas sim : *Como está o Snr. F. ; como está a sua senhora ou como está a Exm.^a Snr.^a D. F. ?* A um pae, igualmente, não se dirá : *Como está o seu rapaz, o seu pequeno ?* mas : *Como está o Snr. seu filho ?* Em summa, usar sempre de expressões de bizzarria e delicadeza. A um superior nunca se dirá : *Como*

está ? Passe bem. Para cair em tal, seria preciso não ter a minina idéa de civilidade.

— *O que tendes a declarar-me a respeito dos tratamentos ?*

— Com ser entre nós bastante difficultoso acertar justo com o tratamento que convém ás varias pessoas com quem nos podemos relacionar na sociedade, póde-se assentar certas regras, para não cair em erros grosseiros e palmares.

Eis aqui os principaes tratamentos universalmente em uso :

Ao Papa : *Santissimo Padre, Vossa Santidade.*

Ao Imperador ou Rei : *Senhor, Vossa Majestade.*

Ao Principe : *Serenissimo Senhor, Vossa Alteza.*

A um Cardeal : *Eminentissimo Senhor, Vossa Eminencia.*

A um Arcebispo, Bispo ou prelado : *Excellentissimo e Reverendissimo Senhor, Vossa Excellencia Reverendissima.*

A um Sacerdote : *Reverendissimo Senhor, Vossa Reverendissima.*

Aos Grandes do Imperio, Senadores, Conselheiros d'Estado, Deputados, Presidentes de Provincia, membros da alta Magistratura, Officiaes-maiores do exercito : *Illustrissimos e Excellentissimos Senhores, Vossas Excellencias.*

D'ahi para baixo, ás pessoas de classe mais limpa se

dá geralmente *Senhoria*. Ás Senhoras manda a polidez que se dê sempre *Excellencia*.

Em fim, nos ultimos planos da sociedade, ou entre as pessoas que nos são mais intimas, cabem os tratamentos de *Vossa Mercê*, de *Você* e de *tú*, conforme a posição em que estão para conosco. Dar ao pae e á mãe este ultimo tratamento é uso que repugna ás sãs tradições da familia. Não t'o aconselho.

Em geral, cumpre tratar a todos, principalmente as auctoridades, com deferencia e cortezia, e acostumar a isso os meninos desde pequenos. Assim, não se deve deixal-os dizer : *o Imperador, o Bispo, o Presidente, o chefe de Policia, etc.*, mas sim *Sua Majestade o Imperador, o Senhor Presidente, o Senhor chefe de Policia, etc.*

Nas sociedades polidas observa-se rigorosamente esta regra.

— *Que pensar d'aquelles que desconhecidos e sem recommendação, se apresentarem com todo o desplante diante de uma pessoa consideravel, pedindo cartas de empenho, etc. ?*

— É mistér desconhecer completamente o que é decoro, e ignorar as regras da boa sociedade, para commetter tal erro. Nunca é permittido pedir um favor d'estes sem ser primeiro apresentado ou recommendado por pessoa competente. Fôra fazer injuria ao criterio, prudencia e discrição do personagem, a cujo valimento se recorre, o pensar que póde dar carta de recommendação e solicitar emprego a favor de pessoa que lhe é de todo estranha.

e cujos costumes e vida ignora. Isto está-se mettendo pelos olhos. Todavia não é raro entre nós praticar-se o contrario, o que prova ainda uma vez a necessidade que ha de inculcar ás novas gerações as regras elementares do bem viver social, como tentei fazer neste volumezinho.

CAPITULO XII

Das cartas

— *E importante conhecer o que prescreve a civilidade relativo ás cartas ?*

— Depois das visitas e da conversação são as cartas o meio mais commum de manter e estreitar relações sociaes ; pelo que, de muita importancia é saber como as havemos de escrever, pois *as palavras voam, e os escriptos permanecem*; e seria triste que deixassemos em nossas cartas documentos de ignorancia, de impolitica, de indiscrição ou de leviandade.

— *Quantas especies ha de cartas ?*

— Podemos reduzi-las a tres especies : *cartas de negocio, cartas familiares, cartas de comprimento*, segundo os assumptos de que tratam. Além d'isso, umas são dirigidas a superiores, outras a iguaes, outras a inferiores. Cada qual d'essas especies pede estylo e maneira particular.

— *Podeis dar-me regras resumidas para a composição dos diversos generos de cartas ?*

— Com todo o gosto :

1º Como não devemos fazer visitas inuteis, prohibe o decoro que escrevamos cartas sem necessidade ou utilidade.

2º O estylo ha de ser singelo e natural, evitando-se empolas e ornatos affectados. Em geral, deve-se empregar nas cartas o mesmo tom simples da conversação, porém sem demasiado descuido e desalinho.

3º Esta naturalidade e singeleza de linguagem não excluem o nobre e elevado, quando o assumpto o exige. Terá de ser o estylo mais ou menos familiar, conforme o gráo de intimidade que nos liga á pessoa a quem escrevemos.

Com os superiores devemos sempre mostrar-nos respeitosos; com os iguaes, attentos e polidos, dando-lhes provas de estima e consideração; com os inferiores, cheios d' affecto e benevolencia. Para todos deve ser a nossa phrase pura e correcta, vasada pelos bons moldes da lingua, e sem barbarismos, sem solecismos, sem erros de orthographia, que desornam as cartas da gente mal aprendida.

4º Para declarar tudo mais miudamente, direi que o estylo epistolar, de que nos deixáram exemplares perfeitissimos Vieira e Sevigné, exclue longos periodos concertados com arte; termos exquisitos e pouco usados; tom pedantesco e emphatico; affectação de erudição citando-se auctores; emprego de figurás de rhetorica; em fim tudo o que numa simples e nobre conversação seria deslocado e fóra de proposito.

— *Que se deve observar maiormente nas cartas de negocio?*

— Em todas as cartas, geralmente falando, e em particular nas de negocio, exige a civilidade que se seja, quanto possível, claro e curto, evitando-se ambiguidade e rodeios inuteis. Se é uma resposta, cumpre começar citando a data da carta que se recebeu, e entabular logo o assumpto, sem preambulos, desenvolvendo artigo por artigo, em poucas palavras, evitando que a concisão prejudique a clareza.

Aprecia-se muito este dote de dizer bem as cousas em termos breves, para o que é preciso, antes de pegar da penna, bem determinar o assumpto do qual se vae tratar.

A mesma brevidade hão de ter as cartas de puro cumprimento, como as de boas-festas, de anno-bom, de dias-de-annos, de pêzames ou parabens.

— *Que regras deve observar quanto ao material das cartas?*

— 1º A primeira cousa é a boa escolha do papel. Aos superiores sempre se escreve de formato maior, deixando-se uma boa margem. Usar de papel perfumado, dourado, tarjado de côres, será apenas proprio de moças, não de homens sisudos. A politica, a economia e bom gosto aconselham a todos que usem de papel bom e simples, tarjado apenas de preto quando se está de lucto

2º Escrever em meia folha, ou em papel não aparado, é feia incivilidade e grosseria. (1)

3º O caracter da letra de ve ser bem claro e legivel, não imitando aquelles que em suas cartas mais parecem offerecer enigmas a decifrar que phrases a ler. Nas cartas dirigidas a pessoas gradas cumpre evitar abreviaturas. Os borrões, emendas, entrelimhas são prohibidos até nas dos amigos, e se alguma cousa d'estas succede, e não temos tempo de copiar a carta, devemos pedir escusa.

4º Em cima, um pouco á direita, põe-se *Illustrissimo e Excellentissimo Senhor*, ou *muito prezado Senhor*, ou *meu caro amigo*, conforme fôr a categoria e intimidade da pessoa a quem nos dirigimos. Para o pae e a mãe devemos pôr: *Meu caro Pae e Senhor*, *minha querida Mãe e Senhora*; depois do que se ha de deixar algum espaço em branco, maior ou menor conforme a qualidade da pessoa de que se trata, e começar d'ahi a carta.

5º No fim, se concluirá do seguinte ou outro semelhante modo, se se tratar de pessoa alto qualificada:

Digne-se Vossa Excellencia aceitar os protestos do profundo respeito com que sou,

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor,

De Vossa Excellencia,

Humilde súbdito e obediente criado,

(1) Apresentando-se ao General Andréa, Presidente do Pará, homem muito recto e atilado, um requerimento em papel não aparado, poz-lhe elle o seguinte original despatcho: *Apare as barbas, e volte.*

Para pessoas de menor dignidade, diremos mais simplesmente : *Sou com o maior respeito e consideração, Illustrissimo Senhor,*

De V.^a S.^a

Muito attento venerador e fiel servo,

Entre pessoas iguaes bastará pôr : *Receba os protestos de consideração e estima com que me prezo ser, ou com que tenho a honra de assignar-me,*

De V.^a S.^a

Muito attento venerador e obrigado,

Nas cartas de menor cerimonia podemos dizer : *Desejo me dê occasião de mostrar-lhe que sou devêras ; ou faça-me o obsequio de crêr nos sentimentos de estima e consideração com que me prezo ser, ou creia que me prezo de ser, ou tenho muita satisfação de assignar-me,*

De V.^a S.^a

Muito attento venerador e obrigadissimo criado,

Entre amigos, diz Roquette, pôde-se variar de muitas maneiras a conclusão das cartas, e até o bom gosto pede que se não diga sempre a mesma cousa. Eis aqui duas formulas que são mui polidas e graciosas :

Queira V.^a S.^a mandar como criado a quem tem a honra de ser,

De V.^a S.^a

Amigo fiel e obrigadissimo. Mande V... em tudo a quem é

Muito seu dedicado e affectuoso, N.

E assim muitas outras, que exprimam o respeito, amizade, obrigação ou afeição que tiverdes á pessoa a quem escreverdes. (1)

O filho escrevendo ao Pae, põe : *De V. M.^{ce} filho muito amante e obediente, ou muito humilde e obediente filho.*

— *Onde se deve collocar a data e a assignatura ?*

— Nas cartas de negocio põe-se a data logo no cabeçalho da primeira pagina. Nas outras mais ceremoniosas, junto da conclusão ; nas de menos cerimonia, por baixo da assignatura á esquerda.

Põe-se sempre a assignatura por inteiro, com a costumada firma nas cartas de negocio, logo depois dos ultimos cumprimentos, e sem entrelinha. Nas demais cartas, quanto mais respeitavel é a pessoa a quem escrevemos, mais baixo irá a assignatura. Nas familiares, pomos só o nome por que somos conhecidos na sociedade ou na familia.

— *Que se deve pensar do post-scriptum ?*

— O *post-scriptum* não tem logar algum nas cartas que dirigimos a pessoas de grande respeito e qualidade,

(1) Vid. *Codigo do bom tom*, pag. 213 e 214.

mas só nas cartas de negocio ou familiares. Seria tambem grande impertinencia e incivilidade, mandar por pessoa altamente collocada recommendações e lembranças a outrem. Isto só se faz entre amigos intimos.

— *Como se deve fechar as cartas?*

— A cartas devem ser fechadas em sobrescriptos separados, como hoje se usa; as de recommendação, porém, devem ser entregues abertas á pessoa recommendada. O contrario seria faltar ás regras da delicadeza e cortezia. No sobrescripto põe-se o nome inteiro da pessoa com o seu tratamento.

— *É grande impolitica não responder a uma carta ou demorar a resposta?*

— É sem duvida grande desattenção e impolitica demorar muito as respostas das cartas, e, por maioria de razão deixal-as sem resposta.

Bella qualidade, muito prezada entre os homens, é ser exacto na sua correspondencia. Cumpre não deixar para amanhã o que se póde aviar hoje.

Ás vezes, porém, quando estamos muito perturbados pela leitura de uma carta que nos offende, manda a prudencia defirmos a resposta, para quando estivermos de todo calmos e de animo bem disposto. É grande erro e fertil em consequencias desastrosas pegar da penna, quando a mão treme sob a agitação de uma paixão. Toma este conselho que é excellente: as cartas offensivas ou não respondas, ou responde com

toda serenidade e socego de teu espirito, inspirando-te na indulgencia e na caridade.

— *É prohibido ler bilhetes ou cartas quando se está em companhia?*

— É prohibido em companhia pôr-se a ler bilhetes, cartas, jornaes, livros, excepto se negocio urgente a isto nos fôrça, no qual caso cumpre pedir licença ás pessoas presentes que a não podem polidamente recusar. É tambem de reparar começar-se a ler alto uma carta, e continuar a leitura em voz baixa, ou entre dentes. Emfim ordena a polidez que quando uma pessoa nos entrega uma carta, a abramos logo, fazendo-lhe antes alguma civilidade, como diz um discreto auctor francez.

E é o que eu tinha de declarar a respeito das cartas.

CAPITULO XIII

Do modo por que hão de os meninos proceder nas igrejas

— *Deve-se proceder nas Igrejas com todo o respeito e reverencia?*

— A civilidade, como a Religião, ordena que se esteja nas Igrejas com profundissimo respeito e reverencia. Os templos sagrados são *casas de Deus, casas de oração*, onde reside, bem que encoberta, a *plenitude*

da *Divindade*. Prometteu Deus estabelecer ali a sua gloria e sua paz, e dar audiencia attenta a quantos com fé viva ali o invocassem. *Eu encherei esta casa de gloria*, diz o Senhor, *e estabelecerei a paz neste lugar. Eu terei os meus olhos abertos e meus ouvidos attentos ás orações de quem neste templo vier supplicar-me*. O templo é, pois, um lugar que deve infundir n'alma um sentimento intimo de adoração e acatamento, e um povo mostra-se realmente civilisado, quando sabe respeitar os seus altares e a sua Religião.

— *Estou convencido d'isto; e quizera me declarasseis com individuação o que devo fazer quando fôr á Igreja.*

— Eil-o em poucas palavras :

1º Não convém comparecer na Igreja em trajo tão negligente, que te envergonharias de ir ter assim com pessoa grave e de respeito.

2º Logo ao entrar, debes cessar toda conversa, deixar-te de fazer perguntas e de te distrahir de qualquer modo.

3º Em seguida debes pôr-te de joelhos, se poder ser, diante do altar do Santissimo, e fazer uma oração, collocando-te depois onde possas bem ver as ceremonias e ouvir distinctamente a prédica.

4º Não imites os que se põem de costas voltadas para o altar, como ostentando o seu desprezo pelos actos religiosos, e todos occupados de leviandades, que não se permitiriam em um salão decente. Devemos

ter horror d'este procedimento, que affronta ao mesmo tempo a Religião e a moralidade.

5º Se por acaso atravessares por diante de um altar, debes fazer uma profunda reverencia; diante do altar do Santissimo curva-se o joelho. Quanto ás pessoas diante das quaes somos obrigados a passar, bastará saudal-as com mediocre inclinação de cabeça. Se houver muito povo, seria impolido e irreverente procurar com esforço romper passagem pelo meio d'elle; deve-se pedir brandamente licença; se, porém, ha multidão compacta de mais, é esperar sem murmurio a occasião de penetrar avante. (1)

6º Chegados a seus logares, não se deve permittir que os meninos andem girando d'aqui para ali; mas exigir que elles fiquem quietos, e não dêem distracções aos circumstantes.

— *Como devemos fazer para ter a nossa attenção mais fixa?*

— Como o espirito dos meninos é naturalmente inconstante e voluvel, cumpre, quanto possivel, fixar a attenção d'elles, fazendo-os ler um livro em que venham traduzidos os officios que se celebram, ou fazendo-os cantar com o povo, tendo-os de antemão instruido de tudo, pois não é na occasião que se lhes deve estar ensinando, como observa um discreto auctor.

(1) Vid. *Les règles de la bienséance*. Chap. XIII.

— *Como se deve estar durante a Missa ?*

— Como é o sacrificio da Missa o acto mais solemne e augusto do Christianismo, deve-se acostumar os meninos a assistirem a elle com toda compostura e recolhimento. Nas Missas rezadas ninguem se deve assentar, excepto no caso de incommodo ; nas cantadas é permittido assentar-se durante os *Kiries* (depois que o Sacerdote sobe ao altar), emquanto se canta o *Gloria*, a *Epistola* e o *Gradual* ; ao *Evangelho* e mais partes da Missa se assiste de pé ; durante o *Canon* convém estarem todos de joelhos, fóra o caso de necessidade.

— *Que se deve pensar dos meninos que movem o corpo e os pés ao som do orgão, e dão signaes de alegria conforme o que se toca ?*

— Não assenta bem isso em meninos sisudos e bem educados, assim como tambem seria muito reparado, que elles comessem na Igreja, ou volvessem as cabeças de um lado para outro, ou se voltassem para a porta a ver quem entra ; ou se distrahissem e dormissem durante a predica ; ou perturbassem o silencio affectando tossir, escarrar, assoar-se, ou se levantassem na ponta dos pés sobre a cadeira para avistar o auditorio. ⁽¹⁾

— *Quando se deve sair da Igreja ?*

— Não se deve sair antes que o Sacerdote se tenha recolhido para a sacristia, terminado completamente o acto religioso. Nas Vesperas se assiste assentado

(1) Vid. *Les règles de la bienséance.*

ao canto dos psalmos, inclinando-se a cabeça ao *Gloria Patri*, e em pé ao *Magnificat*, ás orações, ao *Nunc, dimittis*, e á antiphona da S. S. Virgem. Nas procissões deve-se evitar perturbar a ordem das fileiras, indo e vindo, atravessando o prestito, cantando mais alto, mais depressa, ou mais devagar que os outros. Em todos os actos religiosos, em summa, é prohibido ler, conversar, mostrar-se distrahido, e perturbar de qualquer fórma a ordem, decencia e gravidade que elles devem respirar.

CAPITULO XIV

EPILOGO

Aqui daremos, como remate da obra e epilogo da doutrina do presente compendio, a bella pagina em que o douto e insigne escriptor P.^o Manoel Bernardes enumera os principaes actos pelos quaes se exercita a virtude da caridade, principio e base da polidez christã como a temos até aqui entendido e explicado.

São verdadeiras *regras do bem viver*, que deviam ser escriptas em letras de ouro, e recommendadas á memoria de todos, e inculcadas continuamente na pratica.

São as seguintes :

Primeiro, soffrer as faltas e imperfeições uns dos outros, não nos escandalizando facilmente.

Segundo, dar correcção com espirito de brandura e reconhecimento interior de semelhantes ou maiores mise-

rias proprias ; e com intenção recta do bem espiritual de meu proximo e segundo as regras da prudencia.

Terceiro, prestar aos proximos em tudo o que eu poder, e de mim necessitarem, sem me fazer arduo e difficil neste particular, antes prevenindo a sua necessidade com o meu soccorro, e anticipando os seus desejos com a minha condescendencia.

Quarto, não porfiar com alguém, nem contradizel-o directamente, ou com empenho; excepto os casos em que assim importa em razão da mesma caridade.

Quinto, não lançar a alguém em rosto, nem ainda por via de gracejo, as suas imperfeições e defeitos, nem moraes, nem naturaes, e inculpáveis; nem sobre esta materia murmurar com outros.

Sexto, mostrar no gesto modo grato e affavel para com todos, sem tristeza, porém sem puerilidade ou chocarrice.

Setimo, não lisonjear a alguém; porque não é officio de verdadeira amizade: antes causa damno espirital em mim, e costuma causal-o nos outros.

Oitavo, ceder sempre, do commoço proprio pelo dar aos outros, ainda em cousas minimas; mas, se elles se molestam de que sempre nesta materia os vença, darei logar a ser tambem d'elles vencido: porque, assim, ou assim, sempre a caridade, como oleo, sobe acima.

Nono, se succeder molestar-me o proximo com alguma palavra ou acção menos attenta, ou ainda grave,

tornar bem por mal, como manda o Evangelho; e não conservar rancor no peito, nem ainda tristeza no rosto, ou desvio no trato.

Decimo, lançar sempre á boa parte as acções e palavras alheias, quanto poder ser; pois, ainda que erre, não faz mal a simplicidade, antes grangeia grandes bens espirituaes.

Estes e outros semelhantes actos hei de ter como decorados, de sorte que da repetição dos desejos e propositos me nasça a memoria de aproveitar os lances que se offerecem, e a affeição e brandura de coração para exercital-os. E examinando o que em cada um d'estes artigos pecco, procurarei emendal-o, pedindo para isso especial graça, levando-o ao exame particular quotidiano, e começando por aquellas faltas de caridade que mais escandalisam.

TERCEIRA PARTE

EXEMPLOS

Verdadeira e falsa polidez

Eu tinha um amigo que me fazia um horror de ceremonias. Se me via de longe, corria a saudar-me, apertava-me a mão, perguntava-me pela minha saude e dos meus de casa. Se apenas eu tinha uma dôr de cabeça, já mandava elle ou vinha saber como estava, desfazia-se em mil offercimentos! dizia-me que dispozesse d'elle, de sua casa, de sua fortuna, professava-se meu amigo, meu servo.

Vem a guerra, aquelle tempo terrivel em que se perde a fazenda e se arrisca a vida. Constrangido a fugir de minha casa, fui á sua e lhe pedi asylo.

Elle acolheu-me ainda com mil protestos de amizade e gratidão; mas que sentia muitissimo ter, naquelle momento, a casa cheia, e medo de comprometter-se; assegurava-me, porém, que só desejava uma occasião para

mostrar-me os prestimos de fiel amigo e servo meu dedicado.

Desgostoso, voltei para casa de outro meu vizinho, homem bonachão e singelo, que muitas vezes recebeu obsequios meus, e m'os retribuiu; e não costumava usar de muito palavrorio, mas dizia: SE LHE SUCCEDER ALGUMA COUSA, CONTE COMMIGO.

Apenas me viu, abraçou-me, agradecendo-me de ter a elle recorrido, deu-me gasalhado no seu quarto, e me conservou comsigo até passarem os perigos.

Qual dos dois é o verdadeiro polido e cortez?

Cezar Cantú.

Desacato na Igreja

A este respeito contar-vos-ei uma anecdota acontecida em Paris, haverá seis annos, que eu mesmo presenciei.

Num enterro de grande pompa de um Par de França, achava-se um convidado, amigo do defunto, mas protestante, segundo parecia, ou máo christão; todo o cortejo se descobriu ao entrar na Igreja, só aquelle senhor ficou com o chapéo na cabeça; vendo isto o Parocho, mandou-lhe dizer pelo bedel, que na Igreja não era costume ter o chapéo na cabeça; não fez nenhum caso o incivil convidado, antes pareceu fazer mofa da advertencia. O Parocho, que era homem prudente e de tino, chegou-se para o

pé d'elle e com boas palavras disse-lhe: « Se V.^a S.^a não respeita a Igreja, respeite ao menos os despojos mortaes de seu amigo e estes senhores que vêm tributar-lhes as ultimas honras ; bem creio que na casa d'elles não estaria V.^a S.^a com o chapéo na cabeça. » Ficou o homem confuso, não teve que responder ao bom do Parocho, e pediu-lhe mil perdões, dizendo que era distracção.

Ignacio Roquette.

Lucilla

Como é amavel a pequena Lucilla quando de manhã e apenas levantada, põe-se a dizer as suas orações, e pede a Deus que a faça boa, e lhe conserve seus paes !

Como é amavel a pequena Lucilla quando, apenas terminada a reza, se apresenta ao pae e á mãe e diz: *A benção, meu pae, bom dia! A benção, minha mãe, dormiu bem?*

Como é amavel a Lucilla quando ajuda a arranjar o quarto, e põe em seu logar a sua boneca, a almofadinha, os novellos, a tesoura, o dedal! Os seus vestidos, os seus lenços ella sabe sempre onde estão.

Como é amavel a Lucilla quando arruma os seus livros, revê o trabalho que escreveu de noite, e depois guarda tudo na cestinha para ir á escola! Como é amavel a Lucilla quando, chegando á escola, comprimenta a senhora mestra, e lhe pergunta como está; depois saúda

as companheiras, em particular aquellas que lhe são mais caras, isto é, as boas e estudiosas !

Como é amavel a Lucilla no tempo da lição! Attenta ao que a mestra ensina ; não distrahe as vizinhas com bacharelices ; não perturba a aula movendo-se de continuo, ou fazendo perguntas fóra de tempo.

Como é amavel a Lucilla, quando, voltando á casa, conta á mãe e á avó as cousas que aprendeu na escola, e mostra a sua lição e a bainha e a meia que fez ! Vede, tem cinco annos apenas, e já trabalha no *crochet* que é um gosto, e fez um par de meias para os pobres !

Como é amavel a Lucilla quando na mesa se assenta tão compostazinha ! Não suja a toalha ou o guardanapo, recebe o que lhe dão ; aceita sem requebros, recusa sem incivildades ; e acabando, agradece a Deus a sua providencia, e beija com affecto as mãos de seus paes !

Como é amavel a Lucilla nos seus folguedos, quando alegre, sem cuidados, pula, brinca, salta a corda, faz rolar o arco, ou atira a bola e a peteca, mas sem fazer desordens em casa, sem quebrar os ouvidos com gritos, sem maltratar os vestidos !

Como é amavel a Lucilla quando de vagarinho, pé ante pé, se aproxima do berço do irmãozinho menor para ver se dorme ! E quando elle acorda, o embala e canta maviosa para acalantar-lhe os vagidos até que volte a mãe !

Como é amavel a Lucilla no seu conversar ; ao che-

gar faz sua reverencia, não fala senão quando é perguntada, responde sem acanhamento e vergonha !

Como é amavel a Lucilla quando leva o banquinho para a avó ; aquece os sapatos do avô ; traz o chapéo e a bengala do pae que vae sair, e quando volta, sae pressurosa ao seu encontro cheia de carinhos e affectos !

Como é amavel a Lucilla, quando antes de acabar o dia, quer fazer uma acção boa, e vae ter com o menino de sua ama que está doente, e lhe leva o pão para a açorda e dois vintens para comprar sal !

Cezar Cantú.

O menino máo

O Sr. Anselmo é rigoroso com o seu Luquinhas ; reprehende-o ; ás vezes até dá-lhe bolos.

Porque ?

Porque é rapazinho desobediente e estragado. Os seus livros deixa-os á tôa, e só faz olhar para as figuras ; suja o papel da escripta ; traz o quarto sempre desarranjado ; assenta-se no chão para jogar ; tendo jogado, não guarda os brinquedos.

Sua roupa anda quasi sempre rôta, sempre em desordem, suja, maltratada.

Atira-se por cima das mesas, no sofá, por terra.

Abre as portas e não as fecha ; pega sem cautela nos copos e quebra-os.

A mãe quer-lhe bem e não tem coragem de castigar-o, e elle abusa da bondade d'ella, recusa obedecer-lhe, faz-lhe pirraças ; tem até animo de rir, e de encolher os hombros, quando ella lhe dá alguma advertencia.

Procura gulodices, e se não lh'as dão, estoira de raiva, chora, bate com os pés, parece um diabrete. Mette mão no assucareiro e nos doces que ha em casa.

Estão sempre a recommendar-lhe : *Não atravesses a rua quando vêm carros e cavallos.* Elle não faz caso e uma vez ou outra ficará esmagado.

Estão sempre a dizer-lhe : *Não despertes os cães que dormem, nem os irrites ;* e elle não dá ouvidos, pelo que receio será mordido.

Mette alfinetes na bocca ; pendura-se nas espaldas das cadeiras, e todavia já o avisaram que d'isso pôde resultar-lhe muito mal.

Intromettido e abelhudo, esconde-se para escutar o que os outros dizem ; e depois vae contar, e assim faz castigar o irmão e reprehender os criados.

Gaba-se a si proprio, como se elle só fosse o bom e o intelligente ; fala mal do trajo, da casa, até da cara, ou do nariz e da perna dos seus companheiros.

Está sempre a murmurar dos defeitos alheios, e do mal que lhe fizeram.

É despotico, e arrebatá os brinquedos das mãos dos companheiros ; dá ordens aos criados ; faz barulho sem se importar se perturba os mais ; occupa os melhores lugares, e não se presta nunca ao commodo dos outros.